

E-BOOK 1

João Pinto de Oliveira

**OS PROBOS
PIONEIROS DE
ROCHDALE**



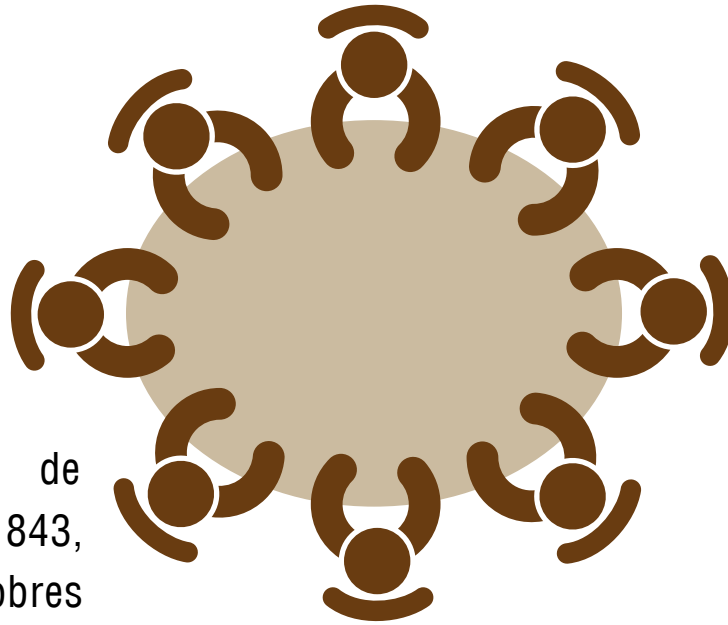
SICOOB
Credivertentes

A Revolução Industrial ceifara milhares de empregos em toda a Europa, particularmente na Inglaterra. Miséria e tragédia social retratadas, ainda hoje, por escritores, historiadores e o cinema.

O surgimento das máquinas em substituição ao trabalho manual e o predomínio do capital tornaram indefesa a classe operária. Daí o desemprego, fome, greves, distúrbios e repressões que se desenhavam por todos os bairros, lares e recantos.



Numa tarde brumosa de Novembro de 1843, um grupo de pobres tecelões, sendo 27 homens e uma mulher – flaneleiros desempregados da cidade de Rochdale, próxima a Manchester (Inglaterra) – reuniu-se em um conselho, em uma “roda”, buscando meios e formas de fugir à miséria iminente e total. Inúmeras ideias surgiram e, em calorosos debates, eram ali exaustivamente apresentadas.



Uns propuseram o exílio e a emigração para a América.

Outros, a rebelião, com a conquista dos direitos do povo, ainda que pelas armas.

Falou-se em se tornarem mercenários, alistando-se em exércitos de outros países, ou em apelarem para a mendicância.

Alguns, dois ou três de concepções socialistas, adeptos das ideias de Robert Owen e William King, sugeriram a criação de um armazém cooperativo de consumo.



Houve ferrenhas resistências a essa sugestão. Foram lembrados os insucessos de experiências similares anteriores, mas o pequeno grupo de cooperativistas conseguiu convencer os demais, justificando:

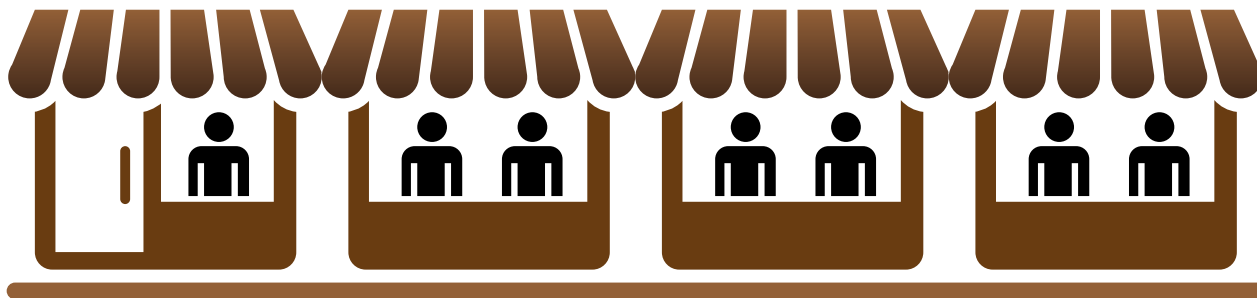
I – as vendas deveriam ser à vista, pois os armazéns anteriores foram lesados por associados que compravam a crédito, não honravam suas dívidas, deixando os armazéns sem estoque e sem capital;

II – os dirigentes deveriam ser necessariamente conscienciosos, competentes, gestores eficientes, sumamente idôneos e éticos em seus atos;

III – os associados precisariam se apresentar como solidários, leais à sua cooperativa.

Concluíram, ademais, os adeptos do cooperativismo: não era o sistema cooperativista o errado, mas sim o *modus operandi*. Eliminando e aprendendo-se com os defeitos de experiências passadas, a cooperativa – em novas bases racionais, ideológicas e operacionais – produziria frutos.

Vitoriosa a proposta, os humildes tecelões – que viriam a ser reverenciados pela História como os “Probos Pioneiros de Rochdale” – começaram a levantar fundos necessários para o projeto, o que foi lento e sacrificial face à crise social e econômica que abalava a população operária da região.



Levaram
meses
para
economizar a soma
de 28 libras esterlinas.



Estavam lançados os pilares do moderno e desassombrado movimento cooperativista, base da filosofia econômica solidária e de uma nova ordem social mundial, embasada na cooperação, na mutualidade, na solidariedade e no humanismo. “Neles fulgurou um desses pensamentos que só ocorrem uma vez em mil anos”, assim definiu Franz Staudinger sobre os desesperados e iluminados tecelões de Rochdale.

Levando à frente a auspiciosa ideia, elaboraram e aprovaram os Estatutos. Assim, a 28 de Outubro de 1844, registraram a sociedade, alugando um acanhado cômodo no “Beco dos Sapos”, com estoques de farinha, manteiga, açúcar.

Tudo oficialmente aberto dia 21 de Dezembro de 1844, sob as vaias e chacotas dos demais comerciantes, de desocupados e de garotos ali reunidos para ver e ridicularizar a “vendinha dos velhos tecelões”. Ainda assim consolidava-se ali uma das grandes conquistas sociais de todos os tempos.



O Regulamento (Estatutos) da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale e seus princípios ainda hoje são a base, praticamente intocável e inigualável, para a instituição e o funcionamento de uma cooperativa.

Tão precisamente formulados que, passados quase dois séculos, são mantidos quase em toda a sua íntegra pelas cooperativas do mundo inteiro.

Assim a forma da realização das assembleias gerais, de eleição de dirigentes, da admissão e demissão de membros, subscrição e integralização de quotas, os valores mínimos e máximos de quota capital, a repartição de sobras, a contabilidade, o sistema de fundo de reserva, normas rígidas sobre a eliminação de associados “perturbadores” e de “conduta prejudicial à sociedade” estão ali indelevelmente burilados.



“**S**e pensarmos – disse Charles Gide em finais do século XIX – que os Estatutos da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale foram tão estabelecidos por esses poucos tecelões de flanela, que a experiência de meio século nada encontrou que valesse a pena juntar aos mesmos e que milhares de sociedades criadas depois se limitaram a copiá-los quase que textualmente, não hesitaremos em considerar este fenômeno o mais importante talvez da história econômica. O sistema cooperativista não saiu do cérebro de sábios ou reformadores, mas das próprias entranhas do povo”.

